

[ARTIGO]

Educa(ação) para transgressão: um olhar sob a perspectiva de Bell Hooks e Paulo Freire

Pedro Bruno de Lima Pereira¹

Constantin Xypas²

INTRODUÇÃO

Inspirados pelo debate de uma sociologia estatisticamente improvável, quando considera estudantes oriundos das camadas populares, neste cenário representados pelos egressos da Educação de Jovens e Adultos, como sujeitos capazes de ascender socialmente por meio dos bancos escolares, esta investigação foi construída com o objetivo de analisar como os estudos de Bell Hooks podem ensinar alunos(as) com histórico de fracasso a transgredir nos estudos, e como as pesquisas de

¹ Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB - 2020) e Mestrado em Ciências Sociais e Humanas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN - 2022). Atualmente é professor da Educação Básica em Fortaleza - Ceará e pesquisador em educação, com interesse nos seguintes eixos temáticos: Desigualdade social e avaliações de aprendizagem; Sociologia do êxito improvável e a construção da relação com o saber; políticas públicas para infância e juventude; Educação de Jovens e Adultos; Educação transgressora; Autobiografia e formação docente. E-mail: pedrobrunolimap@gmail.com

² Possui Graduação em Licence en Sciences de l'éducation - Université de Caen Basse Normandie (1974). Mestrado em Diplôme d'Études Approfondies (DEA) - Université de Caen (1976) e Doutorado em Educação - Université de Caen, França (1978). Foi Professor Associado na Université de Constantine, Algéria (1977-1982). - Professor Titular na Université Catholique de l'Ouest (UCO), França e coordenador do Doutorado em ciências da educação (1983-2012). No Brasil, entre 2012 e 2018, foi Professor Visitante na UERN, Pau dos Ferros, atuando no Mestrado Profletras, assim como na UERN, Mossoró, atuando no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia e Psicologia da Educação e Formação de professores atuando principalmente nos seguintes temas: Êxito escolar de alunos de origem popular; Relação com o saber; promover o bem-estar docente à luz da Psicologia positiva. E-mail: constantin.xypas@gmail.com

Paulo Freire podem ensinar professores(as) a contribuir com uma educação como prática da liberdade.

Este trabalho está referenciado, portanto, no conceito de “ensinar a transgredir” de Bell Hooks (1994), em diálogo com Paulo Freire, para discutir como docentes, pelo exercício da pedagogia do entusiasmo, pedagogia engajada, prática de ensino com foco de resistência, podem contribuir no fazer educativo com vistas à autonomia dos sujeitos sociais, bem como abordar os diferentes sentidos acerca da Educação na EJA para estudantes oriundos das camadas populares.

Esta pesquisa está comprometida com o caráter qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados deram-se por meio de pesquisa bibliográfica acerca de conceitos como: sociologia do êxito improvável; educação transgressora; educação como prática da liberdade; educação de jovens e adultos. As leituras selecionadas estão referenciadas em Bell Hooks e Paulo Freire e, também, fora utilizado autores que se valem dos referidos conceitos pontuados, em suas pesquisas, e que dialogam com os pensamentos dos autores de referência.

O livro *Ensinando a transgredir*, de Bell Hooks, relata as experiências da autora enquanto professora nos Estados Unidos e a crise do sistema educacional do Ocidente, que ela considera que seja: professores não querem ensinar e alunos não querem aprender.

A autora considera o uso da “pedagogia crítica” e a “educação como prática de liberdade” como as bases que demonstram a importância da educação como prática social humanista.

Na obra, Hooks investigou a sala de aula como fonte de constrangimento, mas também uma fonte potencial de libertação. Ela argumentou que os professores que têm usado o controle e o poder sobre os alunos, sentem-se oprimidos e precisam de entusiasmo.

Pode-se dizer, portanto, que alguns professores não se engajam com as experiências de seus alunos, principalmente quando se trata de questões étnicas, na perspectiva de Hooks, ou, pode-se aqui pontuar, em alusão a esta investigação, quando estes alunos são advindos de um recorrente histórico de fracasso na escola. Muitas vezes, esses sujeitos, negros e repetentes, não têm apoio dos seus professores e isso faz com que muitos desistam de estudar, e os que aguentam continuam com a autoestima baixa.

Pautado nisso, é fundamental a qualquer educador se olhar no espelho e fazer a pergunta: a quem interessa a minha prática educativa? Ela serve para libertar ou para oprimir? Ela colabora com a manutenção das desigualdades sociais e privilégios ou ela se caracteriza como um tensionamento desse sistema?

Tais perguntas, que são fundamentais a qualquer um que esteja engajado no movimento da educação, vêm sendo provocadas desde Paulo Freire (1987), ao deixar claro que todo ato educativo é em si um ato político. Para Paulo Freire, uma pedagogia engajada é uma pedagogia “problematizadora”, que propõe não apenas uma visão crítica da realidade, mas um engajamento que se articule para a transformação dela. (Ladeira; Insfrán, 2019, p. 6).

É por isso que os professores que educam as camadas populares estão sempre em construção, nunca se consideram prontos, no sentido de “seres inacabados” trazido por Paulo Freire. Estamos falando então de uma escola que nunca está pronta, de um processo que não finda, de uma avaliação que não é para descobrir o que os estudantes não sabem, mas o que eles sabem.

E é nessa relação, Hooks e Freire, que é considerado que, pensar uma educação como prática da liberdade é se apropriar de uma pedagogia engajada, desafiando o sistema da “educação bancária”, por intermédio de engajamentos críticos, pois educação promove mudanças de mentalidade e essas mudanças mexem na estrutura política.

A pedagogia crítica, a educação como prática da liberdade e o pensamento crítico são bases dessa pesquisa. Métodos que ensinam os estudantes a transgredir preconceitos, machismos, racismos, humilhações e sexismos. Com isso, reafirma-se que o ensino transgressor é uma receita para as sociedades preconceituosas, como a brasileira. Ele demonstra a importância da educação como prática social humanista, que precisa do empenho e de muito trabalho por parte dos educadores.

DIÁLOGOS ENTRE HOOKS E FREIRE

Imagine como é ter aulas com um professor que não acredita que você é totalmente humano. Imagine como é ter aulas com professores que acreditam pertencer a uma raça superior e sentem que não deveriam ter de se rebaixar, dando aulas para estudantes que eles consideram incapazes de aprender... (Hooks, 2020, p. 24).

Bell Hooks inicia a sua escrita a partir da observação de que há uma crise na educação dos Estados Unidos (país onde ela morava e lecionava): os alunos não queriam aprender e os professores não queriam ensinar.

A autora, então, para entender esta crise e ajudar a combatê-la, passa a enxergar a educação em sua concepção transgressora, como prática de liberdade. Hooks nos instiga a pensar como (professores/as) ouvem (fala e escuta) a voz de pessoas indispensáveis para a construção do conhecimento

técnico, teórico, mas também para a nossa emancipação enquanto seres humanos.

Freire (1987) escreve que essa “nova” forma de educação tem como foco a conscientização e o diálogo entre alunos e professores, para que, juntos, eles se humanizem na hora de ensinar e aprender. E essa humanização apresentada pelo referido autor, começa no momento que os sujeitos se conscientizam de sua opressão e se comprometem a superá-la.

Nessa ótica, Hooks apresenta, no primeiro capítulo do seu livro, enquanto solução para resolver a crise da educação, o conceito de “pedagogia engajada”, uma pedagogia que, por vezes, é deveras exaustiva, pois exige que os professores tenham um compromisso com a autoatualização e promovam o bem-estar, assim como exige que os alunos sejam participativos na sala de aula.

Em *Pedagogia Engajada*, Hooks explica como a obra de Paulo Freire a ajudou a compreender as limitações das práticas pedagógicas que ela havia tido quando ainda era aluna, e comenta que a obra de Freire a inspirou no ato de revisitar os afetos que ela nutria por professores que a incentivaram a transgredir em seus estudos. Por outro lado, Hooks afirma que a pedagogia engajada é mais exigente que a pedagogia crítica, pois dá ênfase ao bem-estar.

Neste momento, Hooks apresenta a figura do professor, tendo este sido muito importante para encarar as suas autolimitações enquanto mulher negra de uma escola segregada, para a sua ascensão social por meio da educação escolar. O professor para Hooks deve exercer esse papel motivador, devendo sempre fazer um exercício de fala e escuta sensível que possibilite se aproximar e conhecer seus alunos, para então buscar estratégias que possibilitem uma educação como prática da liberdade.

A autora entende que um(a) professor(a) que busca realmente estimular o pensamento crítico em suas(seus) estudantes, precisa estar em constante aprendizado, assim como Paulo Freire também dizia que somos “seres inacabados”.

A pedagogia crítica e a educação libertária seriam, para Hooks, as bases de uma proposta que visa demonstrar a importância da educação como prática social. Para Hooks (2013), ensinar estudantes (nessa pesquisa sob a perspectiva da EJA) a transgredirem as suas autolimitações, a fim de alcançarem o dom da liberdade (que se configura como ascensão social por meio dos estudos), deve ser o objetivo mais importante daquele ou daquela que ocupe o lugar de educador e educadora.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca

simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado, será também um local de crescimento para o professor que será fortalecido e capacitado por este processo (Hooks, 2013, p. 35).

Nesse sentido, na perspectiva de Hooks, o professor ensina o aluno a transgredir quando também se abre para o processo contínuo de busca por sentido e partilha de desejos, motivações, angústias; podendo, desse modo, encorajar seus alunos a correr e aceitar os riscos, mas mostrando caminhos de que é possível vencer.

E uma alternativa para esse caminho, conforme orienta Hooks, é o/a professor/a ser aquele ou aquela que expõe as narrativas da sua própria experiência nas discussões teóricas em sala de aula, dando sentido à teoria, permitindo assim que os/as alunos/as se sintam à vontade para igualmente expor as suas concepções a ponto de se envolverem com a teoria e, quem sabe, se encontrarem nela. Haveria, portanto, uma espécie de confissão no processo de se engajar na teoria. Fazendo desse modo, o/a professor/a elimina a possibilidade de tornar sua prática tradicionalista, e permite que ela se torne libertadora para ele/a mesmo/a e para os/as estudantes.

Hooks, então, faz uma crítica ao exercício de poder ainda assumido por muitos professores em sala de aula. A autora apresenta novas estratégias de ensinar e aprender que desafiem a educação bancária, escrita por Freire, e crie estratégias de conscientização em sala de aula, sem imitar um modelo de ensino.

Podemos ver, portanto, que a pedagogia pode ser opressora ou libertadora. Isso dependerá de quem está ensinando, levando em conta: o que ensina; a quem; como está fazendo; e, por fim, quais os motivos.

Quando professores e professoras dão este sentido a uma educação que cruza as fronteiras populares, a universidade passa a ser, portanto, enxergada como um lugar possível, um espaço de potencial produção de resistência e liberdades. Contudo, Hooks tem uma reação hostil à visão de educação libertadora, que liga a vontade de saber à vontade de vir a ser.

No subtítulo do livro de Hooks, *Pedagogia Da Esperança*, a autora nos convida a conhecer uma interseccionalidade de opressões, e é nesse momento que ela se encontra com Paulo Freire, quando enxerga uma luta de assentar o direito ao conhecimento a todas as pessoas que, por algum motivo, tiveram esse direito negado. Para Paulo Freire, “esperançar” é um verbo, é ação. Ele não tem o sentido do sentimento que paira nos nossos corações; tem um efeito de ação, de política.

Desse modo, tanto para Bell Hooks quanto para Paulo Freire, o “esperançar” tem efeito coletivo, ou seja, é a possibilidade e condição de se

estabelecer uma comunidade que reaja à violência e à humilhação de um sistema de opressão baseado nas demandas de um grupo que sempre foi favorecido pelo colonialismo e pelo escravismo.

Portanto, Freire e Hooks, expõem que pensar a sala de aula como e estabelecer nela uma comunidade educativa é sinal de que você entende educação de uma forma horizontal. Nessa visão, todas(os) as(os) estudantes são percebidas(os) como sujeitos de conhecimento e, como tal, também sujeitos de transformação da sua realidade, e da sua realidade no coletivo.

E isso exige um trabalho de uma educação significativa que realmente é crítica e que considera as diferentes presenças na escola. Contudo, Hooks expõe que o mais importante não são as diferenças, mas as semelhanças, e é baseado na circularidade do conhecimento que ocorre em uma sala de aula que estamos o tempo todo emergindo no conhecimento do outro.

Professores(as) precisam saber o que o outro sabe, para poder articular isso com o nosso conhecimento, tanto escolar quanto pessoal, porque, inspirado na escrita de Freire (1987), reitero, que como professores(as), também somos seres viventes, sensíveis e com histórias; e nossa teoria pedagógica deve exemplificar o nosso ato de ensinar, ou seja, tornar real na prática o que já sabemos na teoria.

Ao pesquisar nas universidades, Hooks orienta que os professores têm de começar a reconhecer que a educação de um aluno não se resume ao tempo passado na sala de aula. O compromisso social do educador ao ensinar a transgredir é um meio de ascensão que começa quando o sujeito toma a educação em suas próprias mãos, sai da escola e enfrenta, critica, e se orienta no mundo em que ele foi por oras excluído. Isso aproxima-se da pedagogia crítica de Freire, que acolhe o questionamento, e não o rejeita.

Nessa perspectiva, exige-se da pedagogia o engajamento necessário por parte do/a professor/a, na valoração da experiência dos e das estudantes. A valoração dessa experiência é o caminho, segundo Hooks, que garante o bem-estar de todas as partes envolvidas no processo de ensino/aprendizagem (pedagogia engajada com o bem-estar)

Desse modo, é necessário refletir que é preciso estar bem consigo mesmo, para depois pensar em como ensinar alguém. Sendo assim, a pedagogia engajada é aquela que permite avaliar o bem-estar de professores/as e estudantes. Com isso, evidencia os constrangimentos psicossociais que afetam diferentemente as partes do processo (Damasceno; Negreiros, 2018, p. 11). Para Hooks, é fundamental reconhecer o papel que as emoções possuem em nossos atos. E é por essa razão que se engajar na vida de forma ampla nos oferece condições de melhor compreender as

dimensões e caminhos possíveis para compartilharmos experiências e conhecimento.

A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE NA EJA

Transpor as ideias vivenciadas e defendidas por Bell Hooks para a realidade da EJA do Brasil, não muito se distancia, pois dialoga nos desafios similares encontrados, como por exemplo, a necessária atenção à autoestima, bem como à saúde mental e emocional de estudantes e profissionais da educação, cotidianamente submetidos à descrença de suas capacidades.

As salas de EJA não devem ser fontes de constrangimento, pelo contrário, devem ser transformadas em ambientes de afirmação da autoestima, da aceitação da sua condição e do fortalecimento da ideia de transgressão.

Hooks afirma que

“foram as experiências dolorosas que me incentivaram a lutar para ensinar de formas que fossem humanizadoras, que animassem o espírito de meus estudantes de maneira que eles se elevassem na direção de sua peculiar completude de pensar e de ser” (2020, p. 69).

A autora escreve que foi a teorização, o seu refúgio para explicar suas mágoas enquanto estudante de classe popular e fazê-las ir embora.

Nesse sentido, em consonância com os ideais de Hooks, e diante de um cenário de sala de aula na EJA, é necessário refletir que os estudantes já não querem mais ser considerados como indivíduos que estão em sala somente para memorizar o que os professores ou as professoras transmitem. Há uma necessidade dos estudantes de serem vistos como seres integrais. Além dos conhecimentos escolares, eles e elas desejam ter conhecimento sobre a vida, pois nessa nova fase eles já entendem e aceitam os estudos como aliados para transgredir na vida.

Entretanto, sob esse contexto de aceitação e resiliência, Hooks não descarta o argumento de que a escola é um espaço difícil, pois, para a autora, a escola é um lugar de lutas, mas são nessas lutas que a gente também refaz a nossa história, que a gente busca autonomia, que se emancipa, que agencia nossas biografias e reinventamos o mundo.

Desse leque de possibilidades, Hooks defende o espaço da sala de aula como uma fonte potencial de libertação que precisa encarar seus desafios inerentes ao processo da partilha de falas e discursos. A autora chama atenção para o fato de alguns professores usarem do controle e do poder sobre os alunos para a condução das aulas. Segundo ela, essa atitude

faz produzir um sentimento de opressão, quando na verdade o espaço de sala de aula deveria promover o entusiasmo, esse devendo ser buscado tanto por professores, no sentido da sua profissão, quanto por alunos, no sentido de ir/estar na escola novamente. Para ela, esse entusiasmo já poderia ser considerado como um ato de transgressão, pois para exercê-lo em sala de aula o professor e a professora deveriam reconhecer que as práticas pedagógicas antes exercidas não poderiam continuar sendo as mesmas (Hooks, 2013, p. 56).

Isso fica evidente quando a autora descreve que a:

[...]a academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (Hooks, 2013, p. 273).

Assim, percebe-se que o papel do professor vai além de simplesmente repassar conteúdos para os alunos, esperando que todos aprendam uniformemente e no tempo estipulado, enquadrando aqueles que não conseguem atingir essa meta em alunos que fracassaram escolarmente.

Pensar uma educação enquanto prática da liberdade a partir da perspectiva de uma mulher negra do tipo Bell Hooks, requer um trabalho na práxis de pensar criticamente, assimilar suas ideias com a da pensadora, conectar com sua própria realidade e estabelecer laços afetivos e subjetivos. É pouco provável que alguém após sua leitura permaneça num posto imutável, pois ela instiga e provoca o professor na medida em que torna o seu contexto, um lócus de investigação e um objeto de transformação social.

Para ela, o início da transformação começa quando começamos a pensar criticamente sobre nós mesmos, e como a nossa identidade diante das circunstâncias políticas foi projetada, essa podendo ser executada em qualquer fase da vida, não havendo limites para educar e se libertar.

Bell Hooks tem uma trajetória de questionamento às opressões raciais e de gênero, que ela enfrenta o tempo todo. Ela usa uma palavra que aqui no Brasil usamos pouco quando nos referimos aos traumas da educação, mas que muito define as histórias de vida de sujeitos da EJA: humilhação.

É indispensável, no trabalho com jovens e adultos, possibilitar a autonomia dos educandos, estimulando-os a avaliar constantemente seus

progressos e suas carências, ajudando-os a tomar consciência de como a aprendizagem se efetiva, com amor e afeto, conforme Hooks fala em suas obras. É preciso construir um diálogo crítico e um ambiente de acolhimento das diferenças, para então superar esta humilhação.

Um grande desafio encontrado por professores da EJA é mostrar para os sujeitos desse programa que só ler e escrever não são suficientes, que eles devem sair desse programa sabendo ler, escrever, compreendendo informações, produzindo seus próprios textos, formulando novas ideias e conceitos (Vale, 2012, p. 8).

Pretende-se contribuir com o desafio de ajudar o professor da EJA a despertar em seus alunos uma motivação para seguirem em frente. E nessa troca de experiências, tanto entre os educandos, quanto entre professor e aluno, fortifica-se a ideia de que a educação é prática da liberdade, devendo o professor elaborar estratégias de trabalho para dar protagonismo para a aula, para que o estudante possa participar ativamente como autor e proponente do seu próprio percurso pedagógico.

E nesse conceito de educação, Hooks defende que o discurso dos educadores precisa ser condizente com a sua prática, devendo esse estar em constante aprendizado para estimular o pensamento crítico e o desejo de transformação social em seus estudantes, pois, segundo Freire, “a formação do educador deve ser permanente e sistematizada, porque a prática se faz e refaz” (2002, p. 38).

Nesse sentido, pensar sobre a formação de professores, e mais especificamente os da EJA, é essencial, pois, na medida em que se têm mais professores habilitados para a escolarização de jovens e adultos, mais potencialidade a escola terá de participar de processos de mudança.

No Brasil, a formação dos professores deve contemplar ainda o disposto no art. 22 da LDB, o qual afirma que a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e estudos posteriores. Nesse contexto, a qualificação do profissional da EJA está atrelada ao comprometimento do docente, também, com a educação social.

O saber docente seria uma união da formação profissional, obtida na academia, e os saberes disciplinares, curriculares e das vivências, agindo assim, o docente favorece o processo de ensino-aprendizagem e pode propiciar ao aluno subsídios para apreender diversos outros conceitos que perpassam as demais instâncias de sua vida (Xypas, 2017, p. 7).

É comum na EJA, enquanto modalidade de alunos com histórico de fracasso, que foram mal-sucedidos na escola, por mal comportamento ou

desempenho, professores rejeitá-los geralmente por não conseguirem alcançá-los, não achando meios de aproximar-se e de tornar possível o aprendizado. É importante pensar, nesse sentido, que há uma inversão, pois estamos tratando do projeto de escola que não deu conta da permanência dos estudantes na escola regular. Nesse âmbito, Gonçalves e Trindade (2010) trazem a necessidade de deslocamento dos profissionais desse padrão excludente para que haja uma maior compreensão das nuances envolvidas nas dificuldades de seus alunos, entendendo que a escola pode ser espaço de criação de novas possibilidades/pedagogias de aprendizagem:

Diante disso, torna-se perceptível o papel fundamental desempenhado pelo professor, tanto no fracasso como no sucesso escolar de seus alunos, abarcar essa importância e conseguir se localizar como pilar no processo que abrange a produção do fracasso escolar, é ainda uma dificuldade vivenciada pelos profissionais, que impossibilita uma melhora na efetivação da educação (Damasceno; Negreiros, 2018, p. 76).

Professores tomando consciência da missão exposta por Hooks e até aqui discutida, como alguém que deve estar ativo no processo educacional, renovando-se e despertando o interesse dos alunos no intuito de promover o sucesso, seu papel mediador voltado à promoção desse sucesso, com práticas dinâmicas e que reduzam o fracasso escolar, será cumprido.

Segundo Vale (2012), o professor deve pensar o projeto do seu aluno e apoiá-lo a alcançar esses sonhos. Junto aos estudantes, ele deve ser um avaliador contínuo de todo esse processo, estimulando que o estudante reconheça individualmente e com seus pares o que precisa fazer para alcançar seus objetivos individuais e objetivos coletivos – da turma, da escola e da própria sociedade.

Nesse sentido, o sucesso escolar se torna viável quando instituição e o corpo docente têm conhecimento de suas funções no processo de ensino-aprendizagem e quando ambos trabalham em conjunto no desempenho de suas atribuições, buscando uma prática atual e que desperte no aluno, sobretudo alunos da EJA, o desejo de aprender e de se aprimorar. E não apenas pelas pressões impostas pela sociedade que exigem capacitações e a inserção imediatista no mercado de trabalho, mas por que houve o desejo de conhecer e de aprender conceitos por curiosidade, por vontade, por motivação. Assim o aprendizado não se torna um fardo, mas algo prazeroso.

Acreditamos aqui que, assim como os estudos de Bell Hooks cooperou com o crescimento dos alunos negros e sua presença em universidades, esta pesquisa irá colaborar com professores da modalidade EJA comprometidos com a transformação social e emancipação dos seus

alunos, no sentido de construírem, ainda que de forma tardia, uma sólida relação com o saber e com a escola, a ponto de alicerçarem o processo de ensino no fortalecimento da autoestima e construírem trajetórias acadêmicas com a excelência necessária para sustentá-los no confronto com o poder.

O pensamento de Bell Hooks é complexo, é pluriversal, se insere numa dimensão anticapitalista, antipatriarcal, antisexistista, e pensa formas de sociedade emancipada, ou seja, ela traz tudo o que hoje a gente vê reeditado num mundo em termos de destituição, exclusão e desigualdade. Em outras palavras, o pensamento de Bell Hooks é atemporal.

Sob a mesma linha, o pensamento de Freire é histórico. Conclui-se o pensamento dele reiterando que devemos humanizar a nós mesmos e aos outros, e reconhecendo que só podemos fazer isso exercitando nosso livre arbítrio para criar um mundo melhor por meio de nosso trabalho. Os oprimidos têm a tarefa histórica de se libertar, tornando-se sujeitos do processo histórico e superando a dominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa investigação, a educação é compreendida de uma forma horizontal e como caminho de transgressão social. Nessa visão, todos os estudantes são percebidos como sujeitos de conhecimento e, como tal, também sujeitos de transformação da sua realidade, e da sua realidade no coletivo.

O trabalho de uma educação significativa, que realmente é crítica e que considera as diferentes presenças na escola, é baseado na circularidade do conhecimento e ocorre em uma sala de aula que está o tempo todo buscando mobilizar no outro a busca pelo saber escolar. Assim como o patrono da educação brasileira, Bell Hooks vê a educação intrinsecamente ligada à luta por justiça social.

Para Hooks, pensar a educação é pensar em um movimento de ruptura, de desconstrução, de um fazer-se e desfazer-se contínuo. Assim como ela, nesse trabalho foi acreditado e militado em/por uma educação que seja ponte, que acolha as diferenças, que se posicione ao lado das minorias, que faça sentido para as pessoas, que assuma um caráter transformador e libertador.

Hooks descreve o ensino como “um catalisador que convida todos a se tornarem mais engajados”, nesse sentido, a autora busca maneiras de usar a colaboração para tornar o aprendizado mais relaxante e emocionante. Ou seja, ao questionar as pedagogias adotadas pelos professores, a autora propõe a pedagogia engajada e comunitária, dando ênfase à pedagogia

feminista, como sendo a principal alternativa para contribuir com uma educação transgressora.

Pode-se afirmar que esse pensamento arrebatador e engajado que ela propaga, vem sendo capaz de tirar as pessoas de um lugar adoecedor e de conformismo, e de lhes oferecer uma nova perspectiva de pensamento, de cura, de liberdade. E o educador progressista, sobretudo o que atua na Educação de Jovens e Adultos, pode mobilizar seus alunos a transgredir o fracasso e a humilhação social e escolar.

Referência Bibliográficas

DAMASCENO, Mônica Araújo; NEGREIROS, Fauston. **Professores, fracasso e sucesso escolar: um estudo no contexto educacional brasileiro.** Revista de Psicologia da IMED, v.10, nº 1, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** Elefante, 2021.

LADEIRA, Thalles Azevedo; INFRÁN, Fernanda Fochi Nogueira. **A pedagogia engajada e a práxis da transformação do mundo – um ensaio sobre a educação libertadora.** Revista Educação Pública, 2019, 3p.

VALE, Elizabete Carlos do. **A Educação de Jovens e Adultos nos contextos de escolarização e as possibilidades de práticas educativas emancipatórias.** Tese (Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

XYPAS, C. (2017). **Condições sociológicas do êxito escolar de alunos de origem popular.** Crítica Educativa, 3(1), 5-18.

**EDUCA(AÇÃO) PARA TRANSGRESSÃO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DE
BELL HOOKS E PAULO FREIRE**

RESUMO

Trata-se de uma investigação inspirada no debate de uma sociologia estatisticamente improvável, pois objetiva analisar como os estudos de Bell Hooks podem ensinar alunos(as) com histórico de fracasso a transgredir nos estudos, e como as pesquisas de Paulo Freire podem ensinar professores(as) a contribuir com uma educação como prática da liberdade. Os instrumentos de coleta de dados deram-se por meio de pesquisa bibliográfica acerca de conceitos como: sociologia do êxito improvável; educação transgressora; educação como prática da liberdade; educação de jovens e adultos. Após síntese das leituras, pode-se afirmar que o pensamento arrebatador e engajado que Bell Hooks propaga vem sendo capaz de tirar as pessoas pobres de um lugar de conformismo e de lhes oferecer uma nova perspectiva de liberdade. Na escola, o educador progressista, sobretudo o que atua na Educação de Jovens e Adultos, pode mobilizar seus alunos a transgredir o fracasso e a humilhação social e escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia do êxito improvável; Educação transgressora; Educação como prática da liberdade; Educação de jovens e adultos.

**EDUCATION(ACTION) FOR TRANSGRESSION: A LOOK FROM THE PERSPECTIVE
OF BELL HOOKS AND PAULO FREIRE**

SUMMARY

This is an investigation inspired by the debate on a statistically improbable sociology, as it aims to analyze how bell hooks studies can teach students with a history of failure to transgress in their studies, and how Paulo Freire's research can teach teachers(as) to contribute to education as a practice of freedom. The data collection instruments were carried out through bibliographical research on concepts such as: sociology of unlikely success; transgressive education; education as a practice of freedom; education of young people and adults. After summarizing the readings, it can be said that the sweeping and engaging thought that bell hooks propagates has been capable of taking poor people out of a place of conformity and offering them a new perspective of freedom. At school,

progressive educators, especially those who work in Youth and Adult Education, can mobilize their students to overcome failure and social and academic humiliation.

KEYWORDS: *Sociology of unlikely success; Transgressive education; Education as a practice of freedom; Education of young people and adults.*

**EDUCACIÓN(ACCIÓN) PARA LA TRANSGRESIÓN: UNA MIRADA DESDE LA
PERSPECTIVA DE BELL HOOKS Y PAULO FREIRE**

RESUMEN

Esta es una investigación inspirada en el debate sobre una sociología estadísticamente improbable, ya que tiene como objetivo analizar cómo los estudios de Bell Hooks pueden enseñar a estudiantes con una historia de fracaso en la transgresión en sus estudios, y cómo la investigación de Paulo Freire puede enseñar a los profesores(as) a contribuir a la educación como práctica de la libertad. Los instrumentos de recolección de datos se realizaron a través de una investigación bibliográfica sobre conceptos como: sociología del éxito improbable; educación transgresora; la educación como práctica de la libertad; educación de jóvenes y adultos. Después de resumir las lecturas, se puede decir que el pensamiento amplio y atractivo que propaga Bell Hooks ha sido capaz de sacar a los pobres de su lugar de conformismo y ofrecerles una nueva perspectiva de libertad. En la escuela, los educadores progresistas, especialmente aquellos que trabajan en la Educación de Jóvenes y Adultos, pueden movilizar a sus estudiantes para superar el fracaso y la humillación social y académica.

PALABRAS CLAVE: *Sociología del éxito improbable; Educación transgresora; La educación como práctica de la libertad; Educación de jóvenes y adultos.*